

I

Nos monturos dos arrabaldes fede a vida cotidiana:
Gotas de sêmen, sangue, suor: uma síndrome triste.
Escorre pelo ambiente esta nênia sórdida e leviana
Vil, velha, violentando a todo homem que a assiste.

Uma ou duas gotas de chorume fétido e asqueroso
Escoam pela face feia de um feto quase apodrecido,
Caem da boca vermes oleosos num movimento sinuoso
Donde se pergunta: de que afinal há o feto falecido?

Com uma boca murcha, grita um velho trapo feminino,
— Eu sou a mãe! Desta miséria, assumo toda a culpa,
Pari numa latrina, na lama suja este que não será menino.

Joguei-o no monturo que toda a cidade produziu.
O fedor que vos assusta é o vosso velho inquilino.
Antes de matar o menino, matou-nos seu mundo vil.

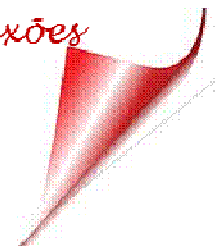
II

Resta agora, meramente, descrever o acontecimento.

Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014

[8]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



Chocar-se-á, naturalmente, o sensível leitor.
Saibas que nossa descrição não contém todo teor
Do cheiro da carne infantil em rápido apodrecimento.

Aquele que seria anjo e que muitos sorrisos arrancaria,
Está agora todo podre, feio, fedendo a carniça.
No sangue, no lixo, rola um verme cheio de preguiça.
Ao invés do riso, provoca, agora, asco e melancolia.

A mãe, vivendo do lixo, após um estupro violento,
Viu crescer sua barriga tal qual um monte de entulho,
Devendo ser o filho alegria, tornou-se algo odiento.

Comendo sobras para alimentar aquilo que nela crescia,
Não tinha daquilo tudo que lhe acometia nenhum orgulho.
Para o lixo de onde veio, voltou o sangue e a placenta fria.

